



FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE

JOSIANE JANUARIO SILVA

**INFLUÊNCIA DA PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NO PROCESSO PSICOTERAPICO
DOS FILHOS**

**ARIQUEMES - RO
2020**

JOSIANE JANUARIO SILVA

**INFLUÊNCIA DA PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NO PROCESSO PSICOTERAPICO
DOS FILHOS**

Trabalho de Conclusão de Curso para a
obtenção do Grau de Bacharel em
Psicologia apresentado à Faculdade de
Educação e Meio Ambiente – FAEMA.

Orientador (a): Prof^a Ma. Yesica Nunez
Pumariega

**ARIQUEMES - RO
2020**

JOSIANE JANUARIO SILVA

**INFLUÊNCIA DA PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NO PROCESSO PSICOTERAPICO
DOS FILHOS**

Trabalho de Conclusão de Curso para a
obtenção do Grau de Bacharel em
Psicologia apresentado à Faculdade de
Educação e Meio Ambiente – FAEMA.

Banca Examinadora

Profª Ma. Yesica Nunez Pumariega
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

Profª Esp. Katiúscia Carvalho Santana
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

Profª Ma. Jessica de Sousa Vale
Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA

FICHA CATALOGRÁFICA
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Júlio Bordignon - FAEMA

SI586i	SILVA, Josiane.
	A influência da participação do pais no processo psicoterápico dos filhos. / por Josiane Silva. Ariqueemes: FAEMA, 2020.
	29 p.
	TCC (Graduação) - Bacharelado em Psicologia - Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA.
	Orientador (a): Profa. Ma. Yesica Nunez Pumariega.
	1. Psicoterapia. 2. Psicologia. 3. Psicologia da criança. 4. Relações pais-filho. 5. Psicanálise. I Pumariega, Yesica Nunez . II. Título. III. FAEMA.
	CDD:150

Bibliotecária Responsável
Herta Maria de Açucena do N. Soeiro
CRB 1114/11

Dedico a Deus por permitir que pudesse
completar mais uma etapa da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe Leci Soares Januario Silva por me proporcionar a oportunidade de chegar até aqui, sempre acreditando na minha capacidade e me apoiando em minhas escolhas, podendo assim realizar esse sonho junto comigo.

Agradeço minha amiga Jaqueline Lafuente que esteve comigo durante toda essa trajetória me ajudando e apoiando durante todo o percurso. Agradeço minha amiga Faedra Proeza por me ensinar sobre valores e me motivar a seguir adiante.

Agradeço minha supervisora de estágio Luana Patrícia Castor por sempre estar presente na minha vida acadêmica, dando sempre o melhor de si e me capacitando para ser uma boa profissional de forma ética, também gostaria de agradecer minha orientadora de TCC Yesica Pumariega pela paciência e persistência.

“A ciência é uma disposição de aceitar os fatos mesmo quando eles são opostos aos desejos”.

B. F. Skinner

RESUMO

A psicoterapia infantil consiste no desenvolvimento terapêutico aplicado às crianças cujas bases permeiam a busca pela autonomia das mesmas em se expressarem e terem suas vozes escutadas, expondo seus medos e problemas. Essa abordagem pode acontecer através de ludoterapia, por exemplo. Nesse processo, a participação dos pais é de vital importância para observação de resultados positivos. Esse estudo trata-se de uma revisão bibliográfica de caráter narrativo, onde se buscou evidenciar a importância da participação dos pais no processo de psicoterapia dos seus filhos. Para a pesquisa, foram selecionados artigos, dissertações e outros trabalhos científicos que se relacionem com o tema desta pesquisa, estando publicados nos últimos 15 anos, em bases de indexação, como a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e o *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). Como resultados, o estudo permitiu identificar experiências, teorias e posicionamentos que concretizaram a relevância da presença dos pais na terapia dos seus filhos. Conclui-se que o resultado positivo da psicoterapia infantil só será obtido se todas as tangentes forem observadas, isto é, todo o contexto de convivência da criança. Compreende-se que os resultados da terapia agem de forma concomitante e mútua, de maneira a trazer benefícios ao filho e seus pais, bem como no relacionamento entre os mesmos.

Palavras-chave: Psicoterapia. Psicologia. Psicologia da criança. Relações pais-filho. Psicanálise.

ABSTRACT

Child psychotherapy consists of therapeutic development applied to children whose bases permeate the search for their autonomy in expressing themselves and having their voices heard, exposing their fears and problems. This approach can happen through play therapy, for example. In this process, parental participation is vitally important to observe positive results. This study is a bibliographic review of a narrative character, which sought to highlight the importance of parents' participation in their children's psychotherapy process. For the research, articles, dissertations and other scientific works that relate to the theme of this research were selected, being published in the last 15 years, on indexing bases, such as Health Library (VHL) and the Scientific Electronic Library Online (SciELO). As a result, the study made it possible to identify experiences, theories and positions that made the relevance of parents' presence in their children's therapy a reality. It is concluded that the positive result of child psychotherapy will only be obtained if all tangents are observed, that is, the entire context of the child's coexistence. It is understood that the results of the therapy act in a concomitant and mutual manner, in order to bring benefits to the child and his parents, as well as in the relationship between them.

Key-words: Psychotherapy. Psychology. Psychology child. Parent-child relations. Psychoanalysis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
2 OBJETIVOS	11
2.1 OBJETIVO PRIMÁRIO	11
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	11
3 METODOLOGIA	11
4 REVISÃO DE LITERATURA	12
4.1 PSICOTERAPIA INFANTIL.....	12
4.1.1 História.....	13
4.1.2 Objetivos	14
4.2 A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NO PROCESSO PSICOTERÁPICO DOS FILHOS	15
4.3 A INFLUÊNCIA DA PSICOTERAPIA NO REESTABELECIMENTO DAS RELAÇÕES ENTRE PAIS E FILHOS	21
CONCLUSÃO	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28
ANEXO A – Relatório de revisão no antiplágio	30

INTRODUÇÃO

A psicoterapia infantil teve suas origens com o surgimento da Psicanálise, campo clínico e de investigação da psique humana desenvolvida por Sigmund Freud. A contribuição para o surgimento de um processo de atendimento psicoterápico infantil se deu de forma indireta, buscando comprovar uma hipótese percebida em atendimento a adultos, de que os problemas mentais se originam nos primeiros processos de desenvolvimento. Após seus estudos, as aplicabilidades das teorias psicanalistas passaram a ser estudadas para o atendimento infantil, tendo como nome forte de adaptação psicanalítica para atendimento infantil por Anna Freud, filha de Freud (FORTESKI et al, 2014).

Esse foi então o início de um campo importante da Psicologia que vem sendo desbravado diariamente, a Psicoterapia Infantil. Atualmente, diversas abordagens psicológicas atuam nesse campo, tendo todos os recursos e técnicas de acordo com a teoria escolhida. Nesse sentido, os psicoterapeutas infantis precisam adaptar e aplicar suas maneiras de transmissão e atendimento, levando em consideração as condições de cada paciente, pois essa área está em constante processo de transformação (GUIMARÃES; MALAQUIAS; PEDROZA, 2013).

Compreendendo isso, é possível reconhecer que a psicoterapia infantil difere-se da psicoterapia destinada aos adultos pelos recursos lúdicos necessários para o êxito da mesma. Entretanto, um fator importante para o bom andamento do processo terapêutico é a integralização dos pais no tratamento dos filhos. Mostra-se evidente através de pesquisas e estudos, os prejuízos que ocorrem quando não há uma participação ativa dos cuidadores (PREBIANCHI, 2011).

Diante do exposto, o presente trabalho busca, através de uma revisão bibliográfica de caráter narrativo, explicar acerca da importância da participação dos pais e/ou cuidadores no processo psicoterápico dos filhos, abarcando também, como se dá o processo psicoterápico infantil, os desafios encontrados e situações, como o divórcio, por exemplo, que podem interferir no desenvolvimento da criança, levando-a ao atendimento.

Esse estudo se justifica na necessidade das abordagens da psicoterapia infantil compreender a importância da participação familiar no tratamento da criança,

tendo em vista que a baixa adesão dos pais nas interações e processos psicoterápicos dos filhos pode ocasionar transtornos a esses pacientes, bem como ineficácia no resultado final. Espera-se que esse estudo possa servir como base para entendimento por parte dos pais, acadêmicos e profissionais da psicologia acerca da temática, para sistematização do assunto e para elaboração de futuros trabalhos que permeiem essa abordagem.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO PRIMÁRIO

Apresentar a relevância da participação dos pais no processo psicoterápico infantil.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Explicar o processo psicoterápico infantil e os desafios deste;
- Compreender a influência da participação e da não participação dos pais no processo psicoterápico dos filhos;
- Descrever como a psicologia pode contribuir para fortalecimento dos laços entre pais e filhos

3 METODOLOGIA

Para a elaboração do presente trabalho, optou-se por realizar uma pesquisa bibliográfica, de caráter narrativo, com materiais que abarcassem os objetivos propostos. Segundo Rother (2007), a revisão narrativa consiste de uma abordagem ampla, que busca discutir um assunto sob a óptica teórica ou contextual. Dessa maneira, as ações permearam a busca pela resolução da problemática da pesquisa,

que focou no conhecimento da importância dos pais no acompanhamento psicoterapêutico dos filhos.

Para tanto, foram selecionadas as bibliografias que tinham relação com o tema deste estudo e foram descartadas aquelas que não se relacionavam ao tema deste trabalho. As referências foram obtidas através da busca em bases de indexações eletrônicas com o *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), revistas de psicologia e ciências humanas e revistas científicas eletrônicas de instituições de ensino superior.

Foram incluídas obras publicadas em língua portuguesa, de 2005 à 2020. Optou-se por artigos, monografias, dissertações, relatos de caso e demais trabalhos científicos que dispunham sobre o assunto, publicados nos últimos 15 anos para que informações atualizadas do campo científico recebam prioridade. As obras foram obtidas através dos descritores: psicoterapia infantil, psicologia, participação dos pais, psicanálise. Ao todo, foram encontradas 42 obras, das quais 23 foram utilizadas no estudo, respeitando os critérios de inclusão e exclusão.

4 REVISÃO DE LITERATURA

4.1 PSICOTERAPIA INFANTIL

A evolução da criança durante toda sua infância é permeada por diversas discussões no campo das ciências biológicas e humanas, tendo em vista que trata-se de um período complexo, onde a mesma inicia o seu processo de pertencer ao mundo. A infância é envolvida em um processo constante de construção social e cultural, onde cada indivíduo vivencia e protagoniza sua história levando em consideração todas as diversidades e perspectivas quanto sua existência. É nesse período que é preciso dar voz à criança, permitir que ela expresse seus sentimentos e dúvidas e é nesse sentido que a psicoterapia infantil busca agir (FORTESKI et al, 2014).

O contato com o mundo traz experiências aos indivíduos, sendo que a psicoterapia infantil trabalha em ouvir a criança e, a partir disso, compreendê-la.

Essa assistência deve ser contante e os pais precisam ser orientados para integrarem o desenvolvimento do filho. Essa tangente precisa ser trabalhada pelo profissional psicanalista, visto que se acredita que o comportamento de qualquer indivíduo depende e/ou é resultado das interações do mesmo com os demais membros da casa. Sendo assim, salienta-se que é de extrema importância a participação dos pais na terapia (PREBIANCHI, 2011).

Esse modelo de interação traz resultados importantíssimos para a evolução da criança. A melhoria do relacionamento entre pais e filhos é uma chave imprescindível para que ocorram mudanças comportamentais na criança. Sendo assim, os pais precisam ser educados para reconhecerem sua função no tratamento para que os melhores resultados possíveis sejam obtidos (PREBIANCHI, 2011).

4.1.1 História

A análise psicológica sobre a criança por muito tempo foi negada. Conforme formula Guimarães, Malaquias e Pedroza (2013) a primeira análise sobre a criança aconteceu no estudo de Freud sobre o menino Hans, em 1909, que evidenciou a possibilidade da psicoterapia infantil e as respectivas vantagens para o desenvolvimento da criança. As teorias lançadas a partir daí foram fundamentais para o desenvolvimento desse campo da psicologia e para que o olhar sobre a criança fosse tido cientificamente.

Apesar dos feitos de Freud, muitas dúvidas ainda existiam sobre essa área de atuação, foi então que o trabalho de Melanie Klein e Anna Freud ganhou destaque no cenário mundial. A partir desse momento, a psicoterapia infantil passou a ganhar força no cenário clínico e analítico. Klein é considerada a mãe da psicanálise infantil, que, atualmente, é uma das abordagens da psicoterapia infantil (SILVA et al, 2017).

Vale salientar que para que tal feito fosse alcançado houve uma grande evolução no mundo. Compreende-se que a infância, vista como é hoje, iniciou no ocidente a partir da Idade Média, sendo que no período Medieval pouco se atentou para a criança. Nesse período, não se preocupava com as particularidades infantis e a sociedade via as crianças como “pequenos adultos”. Somente no século XIV que

surgiram as primeiras percepções sobre o sentimento da criança (GUIMARÃES; MALAQUIAS; PEDROZA, 2013).

Um advento importante aconteceu a partir do século XVII, onde a classe eclesiástica evidenciou preocupação com a moral social e no centro estava a educação da criança. Nesse momento, a criança passou a ser vista como assexuada, sem desejos, imatura e que necessitava sempre ser reprimida pelos pais. Foi somente no século XIX, através do trabalho de diversos psicanalistas, tendo Freud como protagonista, que houve a problematização da criança, através de estudos comportamentais e com a introdução da psicanálise infantil, proporcionando novas maneiras de enxergá-la enquanto “ser” (GUIMARÃES; MALAQUIAS; PEDROZA, 2013).

4.1.2 Objetivos

O objetivo geral da psicoterapia infantil é a aplicação de ferramentas metodológicas, a fim de permitir que a criança passe a ter liberdade de expressar-se. Muitas são as maneiras pelas quais isso pode acontecer e Mattar (2010) disserta que a brincadeira é um modo indireto de ingressar no lúdico da criança (onde está o inconsciente) para ajudá-la no processo de autoconhecimento. Na psicologia, essa ferramenta metodológica é baseada na ludoterapia, que foi desenvolvida por Virginia Axline e que tem como fundamento a psicoterapia infantil não diretiva.

Nessa perspectiva, Axline proporciona um parâmetro amplo sobre a técnica terapêutica, que é uma base fundamental para o seu desenvolvimento. Dentro desses conceitos, a teoria traz que o posicionamento do profissional com a criança deve ser totalmente diferente com o adulto: o profissional deve ser permissivo e aceitador. Além disso, ele deve gostar, respeitar e ser sincero com a criança, sabendo distinguir reconhecimento de interpretação e desenvolvendo um papel passivo (MATTAR, 2010).

O desenvolvimento desse processo pode ser realizado de diversas formas, cabendo ao profissional avaliar qual mais se adequa ao paciente e que trará melhores resultados em seu desenvolvimento. Nesse sentido, Forteski et al (2014) salienta que são três as abordagens que podem ser aplicadas na psicoterapia

infantil, sendo:

- Psicanálise: acontece do desvelamento do inconsciente e é alcançado através dos sintomas no processo psicoterapêutico;
- Análise comportamental: desenvolvida através da investigação dos determinantes envolvidos na relação do sujeito com o ambiente;
- Fenomenologia-existencial: acontece através do trabalho em obter o sentido da existência da criança enquanto ser-no-mundo.

Em qualquer uma das abordagens o autor reforça que o resultado final deve ser a promoção da autonomia e do bem estar, que deve ser alcançado através das ferramentas teóricas e metodológicas que cada uma dispõe. São abordagens que trabalham o autoconhecimento do paciente e que dão liberdade de expressão aos mesmos, ou seja, dando voz e trabalhando a escuta, que é algo imprescindível na infância.

Em suma, a psicoterapia infantil trabalha para que a criança expresse seus sentimentos, angústias e problemas, e como intervenção, espera-se que seja desenvolvida formas e maneiras para que a mesma possa lidar com seu mundo interno e externo (SILVA et al, 2017).

4.2 A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NO PROCESSO PSICOTERÁPICO DOS FILHOS

O olhar para as questões infantis e processos de discussão acerca da participação familiar na psicoterapia infantil se deram com atendimentos de vertentes psicanalíticas. Durante a análise de pacientes adultos, Freud percebeu que havia acontecimentos significativos na infância, fazendo-o analisar que estaria nas primeiras fases do desenvolvimento infantil, a origem dos problemas mentais (GONÇALVES, 2009).

A aplicabilidade de técnicas psicanalíticas em uma criança ocorreu com a

supervisão de Freud e se deu o famoso caso com o Pequeno Hans e sua fobia de cavalos. Entretanto, para Freud o caso não se configurou no desenvolvimento de um atendimento psicoterápico infantil, antes, ele buscava provar as teorias surgidas em atendimentos com pacientes adultos (GONÇALVES, 2009).

Anna Freud, dando continuidade aos estudos do pai, faz uma valorização dos pais, atribuindo a eles a função de educadores, trazendo dessa forma, um olhar uma visão pedagógica ao processo (OLIVEIRA; GASTAUD, 2018). Para Anna Freud, a psicanálise para crianças deveria tornar-se uma espécie de pedagogia aperfeiçoada, cujo objetivo seria uma reeducação do paciente infantil para a realidade, visando uma melhora na relação desta com a família (GONÇALVES, 2009).

Muitas crianças ficam receosas frente ao processo psicoterápico, apresentando-se com medo e aturdidas, por isso é importante deixar tudo esclarecido para a mesma, podendo os pais tomar esta atitude e o psicólogo, no primeiro atendimento, proceder de igual forma (GONÇALVES, 2009).

Um dos primeiros passos da psicoterapia com crianças é a entrevista com os pais, o que evidencia novamente a importância dos mesmos, pois, em grande parte dos casos, são eles que tomam a atitude de levar a criança ao tratamento. De acordo com Emidio, Ribeiro e Faria (2009) a presença dos pais é fundamental e não pode ser dispensada, pois eles estão diretamente ligados ao contexto de vivência da criança.

Gonçalves (2009) pontua que o processo psicoterápico com a criança prossegue de forma mais rápida se os pais ou cuidadores passarem por algum processo de apoio terapêutico ou aconselhamento. Entretanto, o sucesso do tratamento infantil não é assegurado somente por este fator.

Apesar de toda a importância dos pais, deve-se lembrar de que a criança é a protagonista da terapia, logo, deve-se tomar cuidado para não ignorar os sentimentos desta perante dos relatos dos pais. Ambos devem ser educados para entenderem como se comportam neste tipo de situação (GADELHA; MENEZES, 2004).

O processo psicoterápico é algo novo para muitas crianças, por isso, essas não compreendem como devem considerar o processo em si e a figura do psicólogo.

Os pais, normalmente esperam que o terapeuta os instrua a como orientar a criança de forma a prepará-los para o primeiro atendimento (GONÇALVES, 2009).

Haber e Carmo (2007) falam que é fundamental ao psicólogo que trabalha com clínica infantil, aprender como interagir com a criança. Os autores, porém, ampliam a relevância desta interação para a família que se encontra presente no atendimento da criança, sob a premissa de que a mesma deva aprender a se comportar de forma adequada, visando colaborar para as mudanças almejadas.

Finkel (2009) acrescenta à discussão, que a diferenciação existente entre o processo psicoterápico infantil e adulto não ocorre somente pela utilização de técnicas lúdicas, mas pela inclusão da família, em especial a mãe no tratamento infantil, visto que esta, muitas vezes é considerada responsável pelo estado da criança.

Oliveira e Gastaud (2018) apresentam em sua obra, que existe certa dificuldade do pai, participar do tratamento da criança, sendo a ausência destes, notada muitas vezes desde o processo inicial, que é o de entrevista com os responsáveis.

As demandas apresentadas pelos pais quando a criança é encaminhada ao processo psicoterápico, são desde dificuldades escolares, até questões comportamentais. Entretanto, Osti e Sei (2016) afirmam que em casos de atendimento infantil, observa-se uma dinâmica na qual os sintomas localizam-se na criança, mas são oriundas de todo um funcionamento familiar.

Quanto a esse aspecto, Oliveira e Gastaud (2018) comprovaram mediante um questionário *on-line* realizado por 76 psicoterapeutas, que uma das dificuldades encontradas por esses profissionais em atendimento infantil é quando a criança assume a posição de representante do problema familiar.

De acordo com Silva et al (2016) as famílias, em sua maioria, não são conscientes do quanto suas influências agregam no desenvolvimento integral da criança. Devido a isso, não se pode negligenciar a relevância da presença destes no tratamento das crianças.

O ambiente em que a criança se encontra é de suma importância para o desenvolvimento infantil, pois, é através dele que a criança estabelecerá suas relações e garantirá sua construção e qualidade de vida em diversos fatores

(NASCIMENTO; ORTH, 2008).

Sobre o meio familiar, é importante destacar que este é o ambiente ao quais as primeiras experiências ocorreram e da família a criança herda as características genéticas, condição social e até mesmo o nome (SILVA et al 2016).

Cada ambiente familiar introjeta nas crianças experiências únicas, pois, cada família tem a sua dinâmica pessoal, mas todas elas são semelhantes e significativas. De maneira geral, nesse ambiente há o desenvolvimento psíquico, social, moral e espiritual da criança, que são fatores fundamentais para formação da sua identidade (SILVA et al 2016).

A partir desse princípio fica clara a importância dos pais reconhecerem as limitações mentais apresentadas por seu filho para que possa apoiá-lo. O fato de não aceitar gera diversas situações prejudiciais. Diante de uma pesquisa realizada por Reinaldo et al (2018) foram encontrados relatos de pais que apresentavam revoltas quanto às atitudes dos filhos doentes. Alguns diziam que não aceitavam, mas tolerava a situação, outros que sentiam que o filho usava de mentiras e fingimentos quanto ao seu estado para ganhar benefícios. Ainda segundo os autores, quando os pais aceitavam, traçavam estratégias juntamente com os familiares para que ambos, pais e filhos, pudessem viver de maneira mais tranquila.

É necessário pontuar que a maioria dos problemas psicológicos desenvolvidos pela criança são oriundos do contexto conjugal dos pais, como o divórcio, por exemplo, que pode se configurar conflituoso, sendo necessário que a criança inicie um processo terapêutico. Segundo Melo e Miccione (2014) crianças podem encarar o divórcio dos pais como um evento devastador, podendo sentir-se abandonadas ou terem o receio de um dos pais saírem da sua vida assim como saíram de casa. Em casos como os citados, é ainda mais importante a presença dos pais, pois essa atitude faz com que a criança tenha segurança e amor, podendo assim apresentar resultados melhores e duradouros.

A presença dos pais também se faz importante para o processo de aconselhamento sobre atitudes que devem ser tomadas para o bem-estar do filho, afinal, em muitos casos os pais são os principais causadores dos medos e traumas dos filhos. Segundo exposto em uma pesquisa com crianças acerca das brigas dos

pais, apresentada por Goulart e Wagner (2013), os resultados apontaram que as mesmas sentem-se isoladas, tristes e com medo de um possível divórcio.

Melo e Miccione (2014) acrescentam, entretanto, que em alguns casos, divórcio pode ser considerado como uma saída adequada para os filhos que vivem em meio à guerra entre os pais.

Sobre as dificuldades encontradas no processo de psicoterapia infantil, que abarcam terapeuta e criança, Soares (2011) acrescenta que muitas das vezes o terapeuta se encontra em uma linha sem saída, junto ao paciente, pois as dificuldades impedem que muitos aspectos sejam evoluídos. Tais dificuldades influenciam no desempenho escolar e em atritos familiares. No entanto, novos caminhos para que a criança possa prosseguir sempre precisam ser buscados, de maneira a adaptar-se.

A autora contribui novamente para o trabalho, quando afirma que muitas vezes a terapia desempenha um papel primordial durante a infância, que é o de suporte. Devido a isso, não se pode achar que a psicoterapia infantil é um processo fácil (SOARES, 2011).

Ainda pontuando os desafios do atendimento infantil, compreende-se que, diante da emergência tecnológica em que o mundo vive, onde o suporte de entretenimento e distração são os aparatos tecnológicos, o terapeuta torna-se parceiro da criança quando a mesma encontra-se no momento da psicoterapia, período em que ela está em abstinência de todos os seus meios de distração tecnológica. É neste período que a criança irá se reinventar, perceber o outro que está ali para ouvi-la e experimentar o que pode vir a ser uma parceria (SOARES, 2011).

Vale salientar que, ao perceber mudanças na criança, muitos pais não conseguem tolerar estas, e acabam encerrando o processo psicoterápico, acreditando que as mudanças ocorridas atrapalham a organização familiar e muitas vezes a relação mãe e filho (OLIVEIRA; GASTAUD, 2018).

Esse se configura em mais um fator pelo qual se evidencia a importância da participação dos pais, uma vez que ao participarem, eles contribuem para que a criança continue seu tratamento (GONÇALVES, 2009).

Gonçalves (2009) ainda destaca que a compreensão da importância da

participação dos responsáveis no tratamento da criança pode ser observada através das mudanças que ocorrem com a mesma durante o processo psicoterápico. Tais mudanças podem ser profundas nas relações e nas atitudes, exigindo uma disposição adequada da família.

Através do brincar é possível verbalizar com as crianças de forma lúdica, assim como a comunicação verbal com os adultos. Isso também é considerado um desafio para alguns psicoterapeutas: compreender a forma lúdica da criança para que possa se comunicar com ela. Quando se consegue alcançar a criança em seu mundo lúdico, o psicoterapeuta conseguiu finalmente alcançar um dos principais objetivos do atendimento infantil, tendo em vista que essa é chave primordial para que aconteça a compreensão da criança de forma empática. O brincar é uma forma de autoterapia para a criança é através das brincadeiras que ela consegue expressar.

Ramires e Schneider (2010) salientam que a teoria do apego traz subsídios promissores para a psicopatologia, tais como o reconhecimento das experiências reais, das fantasias e da abrangência do mundo interno, além dos modelos representacionais. Isso se dá, pois esses modelos e a sua função como regulador das emoções dos indivíduos é fundamental para compreensão psíquica do paciente. Esses aspectos são fundamentais para o tratamento de pessoas que sofrem traumas, por exemplo. Sendo assim, levando em consideração o apego criando entre filhos e pais, tal fator se mostra excepcional para o desenvolvimento de intervenções clínicas no processo de psicoterapia com a criança.

De igual maneira, Gutierrez, Castro e Pontes (2011) reforçam que o vínculo entre pais e filhos é primordial para formulação de bases sobre a saúde mental do indivíduo. Esses vínculos surgem dos cuidados e da vivência e possuem influência na tangente emocional futura da criança. Além disso, os autores salientam que a transmissão psíquica, que é aquilo que representa as memórias de afeto e são transmitidos com o tempo, são fatores importantes para conceber a situação patológica das crianças e dos problemas observados na relação entre pais e filhos.

4.3 A INFLUÊNCIA DA PSICOTERAPIA NO REESTABELECIMENTO DAS RELAÇÕES ENTRE PAIS E FILHOS

Evidentemente, a integração dos pais no processo psicoterápico do filho é fundamental. Compreende-se que todo esse contexto funciona de maneira mútua, onde os pais são fundamentais para eficácia do tratamento do filho e o tratamento influencia na melhoria da relação familiar.

Essa compreensão se dá pelas mudanças observadas no mundo ao longo da história. Antigamente, a criança não era assistida de maneira integral no seio familiar, era vista como um “pequeno adulto” e esperava-se dela comportamentos de adultos. Nos dias atuais, o respaldo às mesmas é primordial para construção de relacionamentos saudáveis. Além disso, a liberdade de “ser criança” e a vivência nesse período é essencial para o seu processo de desenvolvimento e traz influências na própria relação entre terapeuta e paciente (GADELHA; MENEZES, 2008).

De igual maneira, a psicoterapia infantil tem se modificado muito nos últimos anos, aprimorando os seus processos e promovendo uma melhor qualidade de tratamento. Nas abordagens anteriores, os terapeutas não elaboravam uma entrevista bem estruturada e esclarecedora, onde os pontos importantes da problemática vivenciada pela criança e pelos seus pais não eram sintetizadas. Nesse tipo de atuação, o terapeuta apenas escutava as queixas dos pais e não proporcionava uma liberdade à criança de externar sua perspectiva e sentimentos (GADELHA; MENEZES, 2008).

É possível observar que esse tipo de abordagem não se apresentava eficaz e não permitia uma intervenção precisa e fundamental. A tendência de melhoria na estruturação da entrevista evoluiu e deve ser desenvolvida de maneira intrínseca e integral. Sendo assim, o terapeuta deve trabalhar para que a criança seja a percussora do seu próprio sentimento e comportamento. Nesse momento, deve ser avaliado o desenvolvimento verbal da mesma e situações-chave que possam ser trabalhadas durante a psicoterapia, tais como relatos de situações vivenciadas por ela no lar ou na escola (GADELHA; MENEZES, 2008).

Vale citar que a mudança na abordagem sobre o comportamento da criança

se intensificou a partir da década de 60, onde a terapia comportamental infantil passou a trabalhar o paciente em relação ao ambiente em que ele estava inserido, ou seja, ambientes como o familiar e o escolar começou a ser analisado na integração do processo terapêutico. A partir desse momento, a criança se tornou de fato protagonista e todo o seu mundo passou a ser avaliado de maneira relevante (GADELHA; MENEZES, 2008).

Nesses parâmetros, compreende-se que o processo psicoterápico deve ser trabalhado corretamente desde o início. A entrevista deve ser desenvolvida com a criança e com os pais e as perspectivas de ambos devem ser observadas. Essa atuação é importante para avaliar situações diversas, por exemplo, a criança pode citar que seu pai grita quando ela faz algo, enquanto o pai pode simplesmente omitir essa situação. Essa omissão pode acontecer simplesmente pelo esquecimento do pai, por achar irrelevante ou normal, porém, tal atitude pode estar desencadeando sérios problemas no comportamento da criança e deve ser trabalhada pelo terapeuta (GADELHA; MENEZES, 2008).

Esse exemplo evidencia a importância do processo psicoterápico na melhoria das relações entre pais e filhos, pois o terapeuta se apresenta como peça fundamental para esclarecer algumas situações através de uma perspectiva diferente e, a partir disso, sugerir mudanças no relacionamento de maneira concomitante.

Sendo assim, a influência da psicoterapia é observada desde o primeiro contato do processo, onde os pais integram a entrevista que é fundamental para o conhecimento do contexto familiar e relacional da criança e sua história. Nesse momento, aspectos importantes podem ser observados e, muitas das vezes, algumas problemáticas também. Essa contextualização pode trazer embasamento para compreender os sentimentos da criança e também servir de meio para indicações e orientações aos pais, para que os mesmos iniciem algum processo de intervenção nos aspectos particulares a eles. Os cuidados do terapeuta devem abranger a criança e o seu entorno (GADELHA; MENEZES, 2008).

Além disso, são os pais que, de maneira predominante, procuram os profissionais terapeutas para assistirem seu filho. No estudo de Isse (2014), alguns relatos de psicólogos fundamentam a premissa da ajuda mútua do tratamento: de acordo com o resultado da pesquisa, muitos dos pais chegam nas clínicas se sentindo culpados pelos problemas dos filhos e já na entrevista se mostram angustiados.

Desde o início deve ser trabalhado o alívio do sofrimento e da angústia com eles. Espera-se que, ao final de todo o processo, a relação entre pais e filhos melhore.

Prebianchi (2011) em estudo sobre orientações aos pais na psicoterapia dos filhos evidenciou que o tratamento influenciou diretamente no desenvolvimento de relacionamentos satisfatórios na família. O autor salienta que a presença dos pais foi fundamental para que os comportamentos indesejados dos filhos fossem controlados. Isso se deu através da adaptação por parte dos mesmos, onde mudanças comportamentais e na convivência foram buscadas, intensificando as práticas com o cuidado emocional pessoal e a reorganização dos sentimentos.

Não obstante, no mesmo estudo, os pais conseguiram apresentar um *feedback* fundamental para evidência da influência da psicoterapia na melhoria dos relacionamentos: para os pais, compreender e saber lidar com os sentimentos negativos é parte fundamental para melhoria nas relações e comportamentos com os filhos (PREBIANCHI, 2011).

A atuação da psicoterapia é ainda mais abrangente quando se trata do processo de alienação parental. Essa temática ainda é recente no meio científico, mas desperta atenção dos campos do Direito, da Assistência Social e também da Psicologia. Trata-se de uma situação onde um cônjuge desenvolve um processo difamatório contra o outro e manipula a criança para que esse objetivo seja alcançado. Obviamente, é possível observar que essa convivência é extremamente problemática e traz sérios prejuízos psicológicos à criança (RODRIGUES; JAGER, 2016).

Nessa situação, a criança ou o adolescente apresenta sérios problemas psicossociais e de relacionamento, pois o cônjuge que aliena, isto é, aquele que desenvolve o processo difamatório, buscará apresentar fragilidades do parceiro à criança, criando teorias e situações que muitas das vezes não foram vivenciadas de fato, apenas criadas para intensificar os seus objetivos. Enquanto isso, o cônjuge alienado, isto é, aquele que recebe o processo difamatório, pode desenvolver um sofrimento psíquico devido ao embaraçamento do laço afetivo com o filho (RODRIGUES; JAGER, 2016).

A alienação parental é muito comum nos processos de separação conjugal e nas batalhas judiciais na busca por direitos sobre bens e/ou guarda legal. Nessa

situação, a criança sempre será vítima de um constante e insistente abuso psicológico, que pode trazer um grande impacto e até mesmo desenvolver a Síndrome da Alienação Parental, que se caracteriza pela recusa do filho de manter contato com seus pais. Algumas crianças também podem passar a odiar essa figura familiar e até mesmo possuir posicionamento agressivo com a mesma (RODRIGUES; JAGER, 2016).

As falsas memórias apresentadas à criança pode convencê-la de algo que nunca existiu. A criança não sabe que está sendo manipulada e acaba acreditando nesses discursos, tornado-os reais. As falas são repetidas diversas vezes, de maneira que em algum momento o próprio cônjuge passa a se perder na história e não saiba mais distinguir a verdade da mentira. Cabe citar que a alienação é extremamente comum entre os cônjuges, principalmente a partir da fragilidade da separação, mas também existem casos onde outros membros da família desencadeiam o processo (RODRIGUES; JAGER, 2016).

Não exime de citar que a criança é a vítima da situação, mas ambos os pais também sofrem drásticos prejuízos psicológicos, pois aquele que aliena está envolto em um sentimento de vingança e raiva, que o motiva a tomar tais atitudes, enquanto o que é alienado sofre pela ausência do contato afetivo com o filho. Nessa perspectiva, todos os envolvidos precisam trabalhar a organização dos sentimentos e buscar mudanças no comportamento, a fim de tornar o relacionamento saudável (RODRIGUES; JAGER, 2016).

Levando em consideração que a família é o local onde se sintetiza a base para formulação da personalidade da criança e que as figuras paterna e materna são as que mais promovem apego à criança, a alienação parental se mostra como um desafio para todas as áreas das ciências humanas e biológicas. Sendo assim, é importante que a Psicologia promova estratégias de intervenções capazes de reorganizar o lar e reestruturar as relações entre pais e filhos (RODRIGUES; JAGER, 2016).

O psicólogo que busca trabalhar a alienação parental precisa considerar as singularidades de cada um dos envolvidos, visto que cada membro possui uma dinâmica funcional específica, não se abstendo de considerar que todos esses membros juntos fazem parte de um sistema. Nesse sentido, é preciso escutar cada um deles, levantando informações e sendo acolhedor para que as experiências

emocionais sejam expostas, sempre respeitando os limites dos indivíduos (RODRIGUES; JAGER, 2016).

Além da terapia lúdica com a criança, onde seus sentimentos e medos serão trabalhados, os pais devem ser orientados e submetidos à encontros com profissionais que deverão trazer reflexões e discussões sobre a família e a importância da relação saudável. As intervenções e resoluções dos conflitos devem focar o bem-estar do filho, porém, o resultado de todo o processo também trará benefícios aos pais, ou seja, compreende-se que os benefícios desse trabalho são mútuos. Espera-se que os pais possam questionar seu papel na relação com seu filho, de maneira a se responsabilizar pelas consequências dos seus atos e despertar a luta pela reorganização da estrutura familiar (RODRIGUES; JAGER, 2016).

É necessário citar que não existe êxito na melhoria dos problemas enfrentados pela criança se os indivíduos pelos quais a mesma possui afeto não estiverem em sintonia nessa busca. Mondardo e Valentina (1998) salientam que algo característico do comportamento de apego é a intensidade pelas quais as emoções são desenvolvidas junto à figura de apego. Nessa concepção, os autores citam que quando tudo vai bem a criança se sente segura e feliz, mas quando algo vai mal os sentimentos de raiva, ansiedade e outros são despertados. Sendo assim, trabalhar todos os envolvidos é fundamental, pois a psicoterapia somente com a criança pode não surtir o efeito desejado.

De igual maneira, pensando nas faixas etárias das crianças, é necessário compreender que muitas delas só apresentam o sentimento de segurança quando estão juntas com a figura materna ou paterna. Na maior parte dos casos, é a figura materna que possui o laço de afeto mais estreito com a ela e se essa figura está ausente a criança pode apresentar distúrbios emocionais e de concentração, o que impede que a psicoterapia seja eficaz. Nesse sentido, é necessário que os pais mostrem ao filho que aquele momento é importante, demonstrando interesse no acompanhamento do mesmo. Além disso, é essencial que o terapeuta seja acolhedor e trabalhe metodologias que chamem a atenção e que integre a relação do mesmo com o paciente (MONDARDO; VALENTINA, 1998).

Sendo assim, negar a essencialidade da presença dos pais na psicoterapia dos filhos se torna incoerente, tendo em vista que as experiências e os sentimentos

vivenciados no sistema pelo qual o lar é fundamentado reflete nas ações de cada um dos seus membros. A psicoterapia infantil influencia diretamente no reestabelecimento das relações entre pais e filhos, na medida em que cada parte desse cenário é criteriosamente considerada pelo terapeuta e as demandas de melhoria com cada um são buscadas.

CONCLUSÃO

Esse trabalho buscou evidenciar a importância da participação dos pais no processo de psicoterapia de seus filhos. O estudo encontrou, através de uma revisão bibliográfica, diversos posicionamentos e experiências de profissionais e acadêmicos de psicologia no trabalho da psicoterapia infantil e da participação familiar, que, de maneira contundente, trouxeram uma abrangência fundamental para a pesquisa.

Compreende-se que o acompanhamento dos pais nessa terapia é de vital importância para eficácia do tratamento, tendo em vista que a maioria dos transtornos acontece dentro do seio familiar. Além disso, salienta-se que a psicoterapia infantil é uma abordagem essencial para melhoria das relações entre pais e filhos e para alívio dos sofrimentos, tristezas e angústias de ambos. A psicoterapia infantil trabalha de maneira mútua, influenciando positivamente na vida das crianças e dos seus pais. Como resultado, espera-se que seja vivenciado um relacionamento saudável e satisfatório dentro do lar.

Sendo assim, é necessário sintetizar que a psicoterapia infantil deve trabalhar na promoção de liberdade de expressão à criança, dando voz a mesma e permitindo que ela exponha seus problemas ao profissional. A terapia deve ser aplicada levando em consideração as especificidades de cada paciente, bem como seu estado de saúde mental, idade e outros. Diversas são as abordagens da psicoterapia infantil, mas, em qualquer uma, a participação dos pais não deve ser negada.

Espera-se que esse estudo possa fortalecer a psicoterapia infantil, de maneira a poder embasar futuras pesquisas e trabalhos sobre a temática, servindo de orientação também aos pais. É fundamental citar que futuros trabalhos que forcem as propostas desse estudo, bem como relatos e experiências sobre o assunto são essenciais para maior abrangência da eficácia e eficiência da psicoterapia infantil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EMIDIO, Lorena Archanjo de Souza; RIBEIRO, Michela Rodrigues; FARIA, Ana Karina CR de. Terapia infantil e treino de pais em um caso de agressividade. **Rev. bras. ter. comport. cogn**, p. 366-385, 2009.

FINKEL, Lenira Akcelrud. O lugar da mãe na psicoterapia da criança: uma experiência de atendimento psicológico na saúde pública. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 29, n. 1, p. 190-203, 2009.

FORTESKI, Rosina et al. < b> Três Abordagens em Psicoterapia Infantil. **Revista Cesumar–Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**, v. 19, n. 2, 2014.

GADELHA, Yvanna Aires; MENEZES, Izane Nogueira de. Estratégias lúdicas na relação terapêutica com crianças na terapia comportamental. **Universitas: Ciências da saúde**, v. 2, n. 1, p. 57-68, 2008.

GONÇALVES, Susi. Construção de uma cartilha informativa sobre Psicoterapia Infantil. **Monografia (Bacharelado em Psicologia)–Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí-SC**, 2009.

GOULART, Viviane Ribeiro; WAGNER, Adriana. Os conflitos conjugais na perspectiva dos filhos. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro , v. 65, n. 3, p. 392-408, 2013

GUIMARÃES, Maísa Campos; MALAQUIAS, Jéssica Helena Vaz; PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira. Psicoterapia infantil em grupo: possibilidades de escuta de subjetividades. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, v. 13, n. 3-4, p. 687-710, 2013.

GUTIERREZ, Denise Machado Duran; CASTRO, Ewerton Helder Bentes de; PONTES, Karine Diniz da Silva. Vínculos mãe-filho: reflexões históricas e conceituais à luz da psicanálise e da transmissão psíquica entre gerações. **Revista do NUFEN**, v. 3, n. 2, p. 3-24, 2011.

HABER, Gabriella Mendes; CARMO, João dos Santos. O fantasiar como recurso na clínica comportamental infantil. **Revista brasileira de terapia comportamental e cognitiva**, v. 9, n. 1, p. 45-61, 2007.

ISSE, Julia Fensterseifer. **Possibilidades na psicoterapia infantil: os profissionais da psicologia e a técnica do atendimento de crianças**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso.

MATTAR, Cristine Monteiro. Três perspectivas em psicoterapia infantil: existencial, não diretiva e Gestalt-terapia. **Contextos Clínicos**, v. 3, n. 2, p. 76-87, 2010.

MELO, Neiva Soares de Almeida; MICCIONE, Mariana Morais AS
CONSEQUÊNCIAS DO DIVÓRCIO DOS PAIS SOBRE O DESENVOLVIMENTO INFANTIL: contribuição da abordagem cognitivo-comportamental. **Rev. Estação**

Científica: Juiz de Fora, nº 12, julho – dezembro / 2014.

MONDARDO, Anelise Hauschild; VALENTINA, Dóris Della. Psicoterapia infantil: ilustrando a importância do vínculo materno para o desenvolvimento da criança. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 11, n. 3, p. 621-630, 1998.

NASCIMENTO, Greicimára S. do; ORTH, Mara Rúbia Braga. A influência dos fatores ambientais no desenvolvimento infantil. **Simpósio Nacional de Educação**. 2008.

OLIVEIRA, Luiz Ronaldo Freitas de; GASTAUD, Marina Bento; RAMIRES, Vera Regina Röhnelt. Participação dos Pais na Psicoterapia da Criança: Práticas dos Psicoterapeutas. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 38, n. 1, p. 36-49, 2018.

OSTI, Natalia Monti di; SEI, Maíra Bonafé. A Importância da Família na Clínica Infantil: Um Ensaio Teórico-Clínico. **Temas em Psicologia**, v. 24, n. 1, p. 145-157, 2016.

PREBIANCHI, Helena Bazanelli. Orientação de pais no processo de psicoterapia infantil de grupo. **Psicologia em Revista**, v. 17, n. 1, p. 135-145, 2011.

RAMIRES, Vera Regina Rohnelt; SCHNEIDER, Michele Scheffel. Revisitando alguns conceitos da teoria do apego: comportamento versus representação?. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 26, n. 1, p. 25, 2010.

REINALDO, Amanda Márcia dos Santos et al. Pais e seus filhos em sofrimento mental, enfrentamento, compreensão e medo do futuro. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, p. 2363-2371, 2018.

RODRIGUES, June Guedes; JAGER, Márcia Elisa. Atuação do psicólogo no contexto da alienação parental: uma revisão sistemática da literatura nacional, 2016.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta paulista de enfermagem**, v. 20, n. 2, p. v-vi, 2007.

SILVA, Thalita Rodrigues et al. A Família e o Desenvolvimento Infantil sob a Ótica da Gestalt-Terapia Family and Child Development Under Gestalt-Therapy Perspective. **IGT na Rede**, v. 13, n. 24, 2016.

SILVA, Michelle Fernanda Arruda et al. O processo de psicoterapia infantil sob uma perspectiva psicanalítica. **Revista Farol**, v. 4, n. 4, p. 126-141, 2017.

SOARES, Luciana. A psicoterapia com a criança, por um fio. **Revista IGT na Rede**, v. 8, n. 14, p. 67-78, 2011.

ANEXO A – Relatório de revisão no antiplágio



RELATÓRIO DE VERIFICAÇÃO DE PLÁGIO

DISCENTE: Josiane Januário Silva

CURSO: Psicologia

DATA DE ANÁLISE: 08.10.2020

RESULTADO DA ANÁLISE

Estatísticas

Suspeitas na Internet: **6,37%**

Percentual do texto com expressões localizadas na internet ⚠

Suspeitas confirmadas: **3,91%**

Confirmada existência dos trechos suspeitos nos endereços encontrados ⚠

Texto analisado: **95,21%**

Percentual do texto efetivamente analisado (frases curtas, caracteres especiais, texto quebrado não são analisados).

Sucesso da análise: **100%**

Percentual das pesquisas com sucesso, indica a qualidade da análise, quanto maior, melhor.

Analisado por Plagius - Detector de Plágio 2.4.11
quinta-feira, 8 de outubro de 2020 10:49

PARECER FINAL

Declaro para devidos fins, que o trabalho da discente **JOSIANE JANUÁRIO SILVA**, n. de matrícula **22502**, do curso de Psicologia, foi **APROVADO** na verificação de plágio, com porcentagem conferida em 6,37%. Devendo a aluna fazer as correções que se fizerem necessárias.

(assinado eletronicamente)
HERTA MARIA DE AÇUCENA DO N. SOEIRO
Bibliotecária CRB 1114/11
Biblioteca Júlio Bordignon
Faculdade de Educação e Meio Ambiente